



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 17, v. 2

jan.2022-jun.2022

p. 141-158

‘Bicha burra nasce hétera’: processo interacional de negociação de identidades

(‘Bicha burra nasce hétera’: *interaccional process of identity negotiation*)

(‘Bicha burra nasce hétera’: *proceso interaccional de negociación de
identidades*)

Diogo Maicon Krevoniz Balduino¹

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de investigar quais identidades são consideradas interacionalmente relevantes; para isso utiliza como metodologia de trabalho a Análise de Conversa e a Análise de Categorias de Pertença. O banco de dados é composto por transcrições de interações ocorridas durante uma viagem de fim de semana entre um grupo de amigos. O foco da análise está em uma atividade específica: um jogo de beber que apresenta memes brasileiros que na época eram populares entre os membros da comunidade LGBTQIA+. A pesquisa revela que os participantes negociam suas identidades por meio do uso de complexas categorias que fluem da forma gramatical masculina para a feminina (e vice-versa) para os mesmos referentes, bem como pela reapropriação de termos injuriosos — destacando, assim, os complexos vínculos entre a linguagem e a construção e negociação de identidades. Ao relatar como os falantes de português brasileiro negociam localmente suas identidades na interação, este artigo ilustra como a combinação da AC e ACP pode ser uma abordagem frutífera para guiar estudos identitários.

PALAVRAS-CHAVE: Construção de identidade. Análise de Conversa. Análise de Categorias de Pertença. Jogo de beber.

Abstract: By means of Conversation Analysis and Membership Categorization Analysis, this paper investigates which identities are considered interactionally relevant. Data was collected from transcriptions of interactions which took place during a weekend trip between a group of friends, focusing on one specific activity: a drinking game based on Brazilian memes popular among members of the LGBTQIA+ community at the time. The study reveals that queer individuals negotiate their identities through the use of complex categories that fluctuate from masculine to feminine grammatical forms (and vice versa) for the same referents and reappropriation of slurs—thus highlighting the complex links between language and identity construction and negotiation. By showing how Brazilian Portuguese speakers locally negotiate their identities during interactions, this article illustrates how the combination of CA and MCA can be a fruitful approach in identity studies.

Keywords: Identity construction. Conversation Analysis. Membership categorization analysis. Drinking game.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo investigar qué identidades se vuelven relevantes de manera interactiva; para ello, utiliza el Análisis de Conversación y el Análisis de Categoría de Membresía como metodología de trabajo. Los datos están compuestos por interacciones llevadas a cabo durante un viaje de fin de semana entre un grupo de amigos. El enfoque del análisis está en una actividad específica: un juego de beber que presenta memes brasileños populares entre los miembros de la comunidad LGBTQIA+. El análisis revela que los participantes negocian sus identidades mediante el uso de categorías complejas que fluyen de la forma gramatical masculina a la femenina (y viceversa) y la reapropiación de términos injuriosos, destacando los complejos vínculos entre el lenguaje y la construcción y negociación de identidades. Al informar cómo los hablantes de portugués brasileño negocian sus identidades en la interacción, este artículo ilustra que la combinación de AC y ACP puede ser un enfoque fructífero para guiar los estudios de identidad.

Palabras clave: Construcción de identidad. Análisis de la conversación. Análisis de categorización de miembros. Juego de beber.

¹ Bicha preta, graduado em Letras-Inglês (UNISINOS), mestrando em Linguística Aplicada (PIPLA/UFRJ). Professor Assistente de Língua Portuguesa (2022-2023) na Washington and Lee University com bolsa da Comissão Fulbright Brasil. Email: krevonizdiogo@gmail.com



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 14/07/2021

Aceito em 02/02/2022

Olha só, doutor. Saca só que genial.
Sabe a minha identidade? Nada a ver com genital!
(Pirigoza, Linn da Quebrada)

1 Introdução

Este artigo parte do pressuposto de que fatores contextuais, como o gênero e as identidades sexuais das pessoas, são produzidos e negociados através da fala (BUCHOLTZ; HALL, 2004, 2005) e os indivíduos se orientam para eles de formas distintas dependendo das interações em que estão inseridos. (OSTERMANN, 2017; SELL, 2007; WENGER, 1998) Isto quer dizer que as identidades sexuais e de gênero não são estruturas estáveis “localizadas principalmente na psique individual ou em categorias sociais fixas” (BUCHOLTZ; HALL 2005, p. 586, tradução minha), tampouco estão ligadas a uma condição biológica. Elas são instanciadas, exibidas, reivindicadas, desafiadas e reafirmadas em um processo interminável que ocorre à medida que as pessoas interagem em conversas cotidianas e institucionais. Como Weatherall (2002, p. 102, tradução minha) afirma, “o gênero não é uma consequência natural e inevitável do próprio sexo. Nem é apenas uma característica essencial da identidade pessoal e social de um indivíduo”. Assim, a construção identitária é parte de nossa rotina e demanda trabalho contínuo na interação social e mundana.

Embora um grande *corpus* de pesquisa tenha sido produzido acerca de construção identitária (BORBA; OSTERMANN, 2008; BORBA, 2009; 2016; KITZINGER, 2005; LAND; KITZINGER, 2005; SELL; OSTERMANN, 2009), pouco ainda se sabe sobre como os indivíduos LGBTQIA+ exibem e negociam suas identidades a partir de uma perspectiva interacional. Por esse motivo, este trabalho pretende colocar sob lentes analíticas uma interação em que os participantes se engajam em um jogo de beber² chamado ‘Jogo do Vale’. A construção identitária durante essa atividade em particular é de interesse devido às categorias sexuais e de gênero ativadas pelas tarefas do jogo, que envolvem memes relacionados à cultura pop nacional e internacional populares dentro da comunidade LGBTQIA+ naquela época.

Em consonância com Borba (2015), que faz um chamado para *queerificar* os estudos linguísticos, especialmente no contexto brasileiro, este estudo investiga (1) como as identidades se tornam interacionalmente relevantes durante o jogo de beber e (2) como o grupo de amigos mutuamente constrói e negocia suas identidades na interação. Ao procurar responder a essas perguntas, ofereço uma análise detalhada das maneiras pelas quais os participantes mostram “quem eles próprios e os outros são, e quem eles são uns para os outros”. (KITZINGER; MANDELBAUM,

2 Entendo o termo como um jogo em que beber é parte essencial.



2013, p. 178, tradução minha) Como será discutido ao longo do texto, a análise fomenta a discussão acerca dos entendimentos naturalizados de gênero e identidades sexuais. (SELL; OSTERMANN, 2009; OSTERMANN, 2017)

A análise da negociação identitária que este artigo possibilita é baseada nas próprias orientações dos participantes e nas formas de ajustar suas identidades à medida que se tornam relevantes para eles quando interagem. Utilizo os construtos teórico-metodológicos da Análise de Conversa (doravante ‘AC’) (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974), cujo foco é como as ações (por exemplo, um convite, um pedido, uma reclamação) são realizadas na interação. Considerando que uma das ações realizadas através da fala-em-interação nos dados — e na qual particularmente foco a análise — é a categorização, também baseio o estudo na Análise de Categorias de Pertença (doravante ‘ACP’). (SACKS, 1992) A ACP é particularmente relevante para investigar as formas pelas quais os participantes constroem e negociam mutuamente seus entendimentos do mundo social por meio dos vocabulários específicos que utilizam. (KITZINGER; MANDELBAUM, 2013)

Apesar das críticas recentes levantadas por estudiosos da área, a combinação da AC e ACP permite aos pesquisadores analisar como as categorias são sequencialmente produzidas, atualizadas e negociadas na fala-em-interação. (OSTERMANN, 2017; STOKOE, 2012) Como Ostermann (2017, p. 350, tradução minha) argumenta, a AC e ACP “servem como lentes analíticas poderosas para investigar os entendimentos e categorizações de gênero e sexualidade dos próprios participantes”. Esse estudo alinha-se a este debate e demonstra que esta combinação pode ser produtiva aos estudos de gênero, sexualidades e linguagem.

Antes de passarmos à análise, ofereço um breve esboço do aparato teórico-metodológico e do contexto de pesquisa.

2 Análise da Conversa e Análise de Categorias de Pertença

A AC é uma abordagem teórico-metodológica que tem sua origem na etnometodologia; nela, a conversa é entendida como uma forma de realizar ações na interação, como um convite, um reparo, uma solicitação de informações. (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974) Essa abordagem investiga as atividades cotidianas em seus ambientes naturais e busca desvendar como a interação é organizada e como as ações são sequencialmente produzidas nas interações. (MAYNARD, 2013; STIVERS; SIDNELL, 2013)

Conforme posto por Sacks (1992), a interação social e a conversa podem parecer desorganizadas, mas a interação humana segue uma ordem sistêmica para a qual as pessoas



são normativamente orientadas. Isso quer dizer que a forma que nós projetamos nossos turnos de fala (pausas, entonação, ênfase) não é aleatória, são elementos dos métodos de ‘membros’ (GARFINKEL, 1967) para realizar ações sociais em diferentes contextos. Assim, a principal questão metodológica da AC é ‘Por que isso agora?’ (SIDNELL, 2013), sendo essa a pergunta final que os participantes de uma determinada interação fazem a si mesmos para interpretar as ações uns dos outros e produzir as próximas ações. (RAYMOND, 2018)

Adotar a abordagem da AC possibilita demonstrar que as identidades não são homogêneas e tampouco precedentes à ação social. A partir dessa perspectiva, utilizar esse aparato teórico-metodológico é frutífero para as discussões sobre identidades se as enxergarmos como emergentes na interação. Por serem o produto de ações situadas, as identidades são altamente dependentes do contexto de produção (interagentes, tempo e espaço). Buscando ampliar a potência desse instrumental analítico, combino-o com a ACP. (SACKS, 1992)

AACP, por sua vez, é uma abordagem analítica também desenvolvida por Harvey Sacks que é frequentemente combinada com a AC. (MANDELBAUM; KITZINGER, 2013; SCHEGLOFF, 2007; SELL; OSTERMANN, 2009; STOKOE, 2012) Essa lente de estudos procura compreender os dispositivos e métodos utilizados pelos participantes em uma determinada interação para categorizar a si mesmos e aos demais. (SACKS, 1992; SCHEGLOFF, 2007; STOKOE, 2012)

Dentro da abordagem da ACP é discutido que, por meio de descrição, os indivíduos constroem e demonstram suas compreensões do mundo social e seus conhecimentos do senso comum. (SACKS, 1992; SCHEGLOFF, 2007; STOKOE, 2012) Tais descrições são organizadas em categorias, por exemplo, uma pessoa com vagina pode ser, dentro de estruturas cisheteronormativas, categorizada como ‘mulher’. Por serem produzidas localmente, as categorias não têm o mesmo significado nem realizam as mesmas ações em todos os contextos. Desta forma, é necessário entender a relação entre elas a fim de compreender o significado de uma determinada interação social. (SACKS, 1992; STOKOE, 2012)

As categorias de pertença são agrupadas em ‘coleções’, isto é, dispositivos de categorização. Buscando explicar o que são essas coleções, Sacks (1992) apresentou o clássico exemplo ‘o bebê chorou, a mãe o pegou’. Nesse exemplo, ‘mãe’ e ‘bebê’ podem ser membros da mesma coleção (família). Nesta coleção, também seriam incluídos membros como irmão, irmã, avó, avô, entre outros. Interessantemente, os indivíduos podem pertencer a diferentes coleções; por exemplo, o termo bebê poderia também pertencer à coleção chamada ‘estágio de vida’ no qual adolescente, adulto, dentre outros, seriam incluídos. Através desses dispositivos, os participantes constroem seus entendimentos da interação social baseados na inferência a que tais categorias



pertencem. Conforme Sell e Ostermann (2009) discutem, algumas coleções podem incluir diversas categorias; no entanto, outras tendem a ser construídas como binárias. Gênero, por exemplo, dentro de estruturas cisheteronormativas, é dividido em ‘mulher’ e ‘homem’.

As categorias são negociadas constantemente na fala-em-interação, desta forma, não são estáveis, podendo ser clamadas para si ou ainda impostas aos outros participantes. Entretanto, por serem indexadas ao contexto social em que são criadas (SELL; OSTERMANN, 2009; STOKOE, 2012), são passíveis de serem problematizadas, contestadas e negociadas. As categorias são evocadas, acessadas e produzidas na interação em relação aos recipientes através dos termos empregados pelos participantes. Essa seleção de palavras mostra a expectativa acerca de quem as pessoas devem ser em uma determinada interação (KITZINGER; MANDELBAUM, 2013); isto é, dentro de uma dada interação, um indivíduo pode escolher usar um item lexical diferenciado a fim de buscar identificação com um membro.

De acordo com Ostermann (2017), a combinação de AC e ACP nos permite olhar para locais reais nos quais as pessoas interagem no mundo a fim de realizar suas tarefas cotidianas. Assim, torna-se palpável investigar como elas se orientam (ou não) por determinadas categorias e, ao fazê-lo, atribuem sentido ao mundo social. Em linhas gerais, a AC e ACP fornecem ferramentas analíticas poderosas para explorar os entendimentos e categorizações de gênero e sexualidade dos próprios participantes.

3 Dados e métodos

O banco de dados consiste em interações naturalísticas, ou seja, interações não organizadas para fins de pesquisa, que ocorreram durante uma viagem de fim de semana a uma cidade da região serrana no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, em abril de 2018. As interações foram gravadas em áudio e vídeo e, no total, participaram seis pessoas. Suas idades variavam, à época, entre 20-24 anos; todos eles eram estudantes de graduação e se identificam como pertencentes à comunidade LGBTQIA+.

Durante o fim de semana, o grupo se envolveu em diversas atividades, como assistir filmes, cozinhar, almoçar, jantar e jogar diferentes jogos de beber. Para este estudo, me concentro particularmente na atividade de jogo de beber, que ocorreu no sábado à noite. Esse tipo de jogo, pelo que foi possível identificar, ainda não foi estudado academicamente a partir de uma perspectiva interacional. Além disso, o jogo de beber em que os participantes se engajaram é particularmente frutífero para explorar a construção identitária, uma vez que designa certas tarefas a categorias específicas sexuais e de gênero.



Como a interação ocorreu na sala de estar e os participantes se sentaram no chão, em frente aos sofás ao redor de uma mesa de centro, as câmeras foram posicionadas em lados opostos da sala. Isso permitiu a captura da conduta dos participantes em diferentes ângulos. Após assistir às gravações várias vezes, a coconstrução e negociação de identidades entre os participantes se tornaram o foco deste estudo. Finalmente, as gravações foram segmentadas e transcritas seguindo o sistema de convenções sugerido por Jefferson (2004) (ver apêndice A). Para fins éticos, antes da coleta de dados os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido; seus nomes reais foram substituídos por pseudônimos e seus rostos desfocados nas imagens, garantindo assim seu anonimato.

Os participantes jogaram duas versões distintas de um mesmo jogo: A primeira era um jogo de tabuleiro baixado da Internet e impresso. Os participantes usaram pequenos objetos que estavam perto deles como peões e um aplicativo em um smartphone como dado. A segunda versão era um aplicativo baixado no smartphone de um participante. Ambos os jogos apresentam memes e referências à cultura pop nacional e internacional.

A versão de tabuleiro se chama ‘Jogo do Vale’ e o aplicativo se chama *Vale Drinking Game*. Embora os jogos tenham sido jogados em suportes diferentes, eles são similares. Ambos os jogos apresentam memes brasileiros que eram, em 2018, populares em grupos de pessoas que se identificam como parte da comunidade LGBTQIA+. As casas do jogo de tabuleiro designam tarefas relacionadas ao consumo de álcool. Alguns exemplos das tarefas são: “diga uma gíria ultrapassada e beba”, “beba e jogue de novo”, “afeminadas bebem”, “quem for grossa bebe”. O objetivo principal dos jogos é chegar ao Vale dos Homossexuais, seja movendo-se pelas casas do tabuleiro de acordo com o número designado por um dado, ou completando as tarefas sugeridas no aplicativo. O termo “Vale” é usado como uma forma abreviada para o Vale dos Homossexuais. Este termo aponta para algumas declarações feitas por uma pastora brasileira que afirma ter visitado o inferno e lá viu o Vale dos Homossexuais. Este lugar é descrito como um lugar onde os homossexuais passariam a vida após a morte sendo eternamente torturados. (REDAÇÃO..., 2013)

4 Análise

O olhar desmotivado (PSATHAS, 1995) para os dados levou ao processo interacional de construção da identidade durante o jogo de beber. Ao fazer a análise, algumas categorias relacionadas a gênero e sexualidade, por exemplo ‘viado’ e ‘sonsa’, foram tornadas interacionalmente relevantes pelos próprios participantes. Essas categorizações não foram contestadas; em vez disso, foram ratificadas pelos participantes da interação. Os excertos 1(a-c) e 2(a-c) ilustram como isso é



interacionalmente realizado.

No Excerto 1, dois dos participantes do sexo masculino são categorizados de forma diferente: Lua é referido pelo uso do pronome ela, enquanto Gus é referido pelo pronome ele. Nos juntamos à interação quando Mar acaba de avançar no jogo de tabuleiro. A tarefa agora envolve a troca de casas. Gus anuncia a tarefa ‘troca de casa com alguém’ sem conferir no jogo de tabuleiro (linha 7). Enquanto Lua discute sobre qual objeto será o peão de Mar (linha 10), Gus duvida de seu próprio anúncio (linha 12) e verifica o jogo de tabuleiro (linhas 13-16). Depois disso, Gus anuncia novamente a tarefa do jogo (linha 18) e Lua oferece duas opções para Mar trocar de casa: “ou comigo> ou com a paola <=” (linha 21).

Excerto 1a: bicha burra nasce hétera

- 01 PAO: HA[HAHA]|HA[HA]
|((bate palmas))
- 02 JES: [°>>ai senhor<<°]
- 03 MAR: [xx]x
- 04 LUA: \$seis\$
- 05 PAO: .hhh [se:is]
- 06 MAR: [se:is]
- 07 GUS: >troca de casa< com alguém: ((anuncia a tarefa sem checar no tabuleiro))
|(1.4)
- 09 GUS: |((inclina-se em direção ao tabuleiro))
- 10 LUA: tu- tu- tu yai ser a tampa
do co↑ro[te]
- 11 LUA:
- 12 GUS: [nã]o:
- 13 GUS: é: °sim (.) um, dois, três, [quatro, cinco, seis°]
- 14 LUA: >aqui onde tu tá^[é onde é-]<=
15 LUA:
- 16 MAR: =°ta°=
17 PAO: =é
- 18 GUS: >troca- de casa com alguém<
19 |(.)
- 20 LUA: |((olha para Maria))
- 21 LUA: |ou comigo >ou com a paola<=
|((aponta para Paola e para si))
- 22 PAO: =|ou comigo
|((inclina a cabeça em direção a Lucas A))
- 23 PAO: ou com e:la=
24 GUS: =ou comi:go
- 25 MAR: |ou [pode ser com ↑ele]
|((aponta para Gustavo))





- 26 GUS: [\$na mesma casa\$] hhhh
 27 |(0.5)
 28 LUA: |((olha para o tabuleiro e então para Gustavo))
 29 LUA: mas (.) >se ela<-=
 30 PAO: =NÃO:: mas::=

Pao, em seu turno, reformula o turno de Lua dizendo ou comigo ou com e:la (linhas 22-23). Ao usar uma palavra feminina (ela) para se referir a Lua, Paola o feminiza por meio dessa categoria. Lua e os outros consideram esta categorização não problemática e continuam discutindo as opções de Mar para trocar de casa.

Gus, então, se autoseleciona e se inclui como uma opção para Mar trocar de casa (linha 24). Maria concorda com ele, orientando-se para os demais e dizendo “ou [pode ser com ↑ele]” enquanto aponta para Gus (linha 25). Como ela usa o termo “ele” em seu turno, Mar categoriza Gus como um homem. Isso é particularmente interessante porque, embora Lua e Gus se identifiquem como homens homossexuais, eles são categorizados de formas distintas e nenhuma das categorizações é contestada.

No excerto 1b, como Gus segue se sugerindo como uma opção para Mar trocar de casa, observamos outra categorização que não é apontada como problemática pelos participantes.

Excerto 1b: bicha burra nasce hétera

- 31 LUA: =>como é que vai
 32 LUA: trocar de lugar<- na [mesma ca:sa]
 33 PAO: [>como é que vai trocar]
 34 PAO: de lugar se tá na [mesma casa<]
 35 GUS: [é com] [alguém ↑né]
 36 LUA: [>troque de< CA]:sa
 37 |(0.5)
 38 LUA: |((olha para o tabuleiro))
 39 LUA: tro[que de CA]sa::
 40 PAO: (.) [CA:SA:: (.) CA:SA
 41
 42 GUS: °com alguém°
 (.)
 43 PAO: SI:M [>mas ela ta< [na mesma ca::sa]



- 44 LUA: [mas é na [mesma] CASA]
 45 MAR: [é]
 46 PAO: viA[::do:]
 47 GUS: ((sorri))
 48 JES: [AI::senho]r:=

Nas linhas 43-46, Pao invalida a sugestão de Gus de trocar de casa com Mar, alegando que não se pode trocar de casa com alguém se eles estão na mesma casa. Em seu turno “SI: M [> mas ela ta <[na mesma ca :: sa] viA [:: do:]”, Pao categoriza Gus como sendo um viado. Essa seleção de palavras reforça a categorização anterior. Com base na regra da economia (SACKS, 1992; SCHEGLOGFF, 2007; STOKOE, 2012), uma única categoria (viado), *in situ*, é suficiente para descrever Gus como sendo um ‘homem’ e ‘homossexual’. Gus, por sua vez, aceita essa categorização sorrindo (linha 47). Note que Gus não contesta nenhuma das categorias (homem e homossexual).

No Excerto 1c, linha 49, Mar concorda com a insistência de Lua de que Gus está enganado ao se sugerir como opção de Mar para troca de casa. Ela usa uma expressão em português “to ligada nela”, feminizando novamente Lua.

Excerto 1c: bicha burra nasce hétera

- 49 MAR: =to ligada [nela]
 |((apõnta para Lucas A))



- 50 LUA: [[\$bicha burra\$] |((olhando para Gustavo))
 51 LUA: [\$nasce hetera:\$]
 52 PAO: [\$bicha] bu- bicha\$ hahahaha .hhh
 53 MAR: |mas [xxx
 |((olhando para Lucas A))
 54
 55 LUA: ((olha para Maria e coloca a mão no seu próprio torax))
 56 GUS: |mi↑ga: sabe o que é son↑sa:
 |((olha para Lucas A))
 57 GUS: .hhh he[hehe]
 58 PAO: [HAHA]HAHAHA

Lua, de uma forma marcadamente lúdica, também avalia negativamente a sugestão de



Gus, dizendo “[bicha burra] [nasce hetera:]” (linha 50-51). Por meio dessa avaliação, Gus é categorizado como homem, uma vez que bicha é majoritariamente usado para se referir a indivíduos homossexuais masculinos. Em seu turno, Gus categoriza Lua como miga e a si mesmo como sendo uma sonsa, “mi↑ga: sabe o que é son↑sa:” (linha 56). Diferentemente dos Excertos 1a e 1b, Gus usa um termo na forma gramatical feminina para se categorizar. Essa categorização demonstra, conforme apontam Borba e Ostermann (2008), que os participantes utilizam o sistema gramatical de gênero de maneira fluida como recurso para moldar e manipular suas identidades por meio do discurso.

Essas categorizações revelam o conhecimento dos participantes sobre essas categorias e sobre si mesmos. (STOKOE, 2012) O ‘termo bicha burra’, que é usada neste contexto como equivalente para heterossexual, evoca o entendimento de que um predicado de ser bicha é ser inteligente — ou pelo menos não ser burra. Sonesa implica não ser burra, mas sim ser inteligente, ou seja, capaz de fingir ser burra para alcançar algo. Isso quer dizer que, neste contexto, burra é um predicado de héteros. Assim, o uso de sonsa exclui Gus da categoria ‘hétero’ e ratifica a identidade de Gus de ser bicha.

De modo geral, essa sequência (Excertos 1a-1c) destaca em grande parte a coconstrução das identidades de gênero de dois participantes, Lua e Gus. A identidade de gênero de Lua é coconstruída por meio de categorizações feitas por Pao, Mar e Gus por meio do uso de termos na forma feminina (ver linhas 23, 49, 56) que não são contestadas por ele. A identidade de gênero de Gus foi construída mutuamente por meio de categorizações feitas pelos outros participantes usando termos na forma masculina (ver linhas 25, 46, 50). Dois participantes que se identificaram como homens homossexuais foram categorizados de forma diferente, e essas categorias não foram contestadas, mas sim ratificadas à medida que surgiam na interação. Além disso, eles demonstraram seu conhecimento sobre essas categorias específicas por meio do uso de expressões e gírias. (STOKOE, 2012)

Na sequência (Excertos 2a-2c), as identidades sexuais e de gênero voltam a se tornar relevantes para a interação devido à tarefa do jogo. O Excerto 2a começa quando Gus lê a tarefa no jogo de tabuleiro (linha 1), que diz que apenas os participantes solteiros devem beber. A esta altura do jogo, como os participantes já tomaram muitas doses de vodka, beber é considerado uma punição. Essa orientação é exibida pelos participantes nos turnos subsequentes, o que também revela o status de relacionamento atual dos participantes.



Excerto 2b: hétero de Taubaté

- 25 LUA: [↑ó ta- aqui ↑ó- nós tamos |namoran::do\$|]
 26 GUS: |((passa a mão sobre o rosto de Lucas e joga um beijo no ar))
 27 LUB: |((joga um beijo no ar em direção de Gustavo))
 28 PAO: hahaha [\$não\$ haha]
 29 LUA: [>eu acabei de pedir< ela em namo:ro
 30 GUS: [NÃ::O]
 31 PAO: [>quero ver] um beijo<=
 32 GUS: =|NÃ::O NÃO=
 |((balança o indicador))



- 33 PAO: =EU QUERO VER UM BEIJO
 34 ((Lucas A e Maria se beijam))
 35 MAR: [\$A:::\$]
 36 JES: [\$A:::\$] hahahahahahaha
 37 GUS: [NÃ::]O NÃO NÃO NÃO NÃO [NÃO NÃO]
 38 PAO: [\$não não\$]
 39 PAO: [não não não\$]

Pao avalia negativamente o anúncio de Lua rindo e dizendo não (linha 28). Lua, então, se refere ao seu turno da linha 10 dizendo “eu acabei de pedir ela em namo:ro” (linha 29). Gus, em sobreposição, avalia negativamente a declaração de Lua dizendo “NÃ::O (.) NÃ::O” enquanto aponta o dedo para Lua (linha 30). Como uma demonstração de resistência ao anúncio de Lua, Pao desafia pedindo a Mar e Lua para se beijarem (linha 31) para provar que seu status de relacionamento é verdadeiro. Pao repete seu turno da linha 22 em voz mais alta (linha 33) e Lua e Mar se beijam. Em sobreposição, Gus e Pao produzem várias vezes o termo de avaliação negativa “NÃO” e apontam o dedo para Lua (linhas 37-39).

Nos turnos subsequentes (Excerto 2c), Lua explica que Mar e ele não são mais solteiros e, portanto, não precisam beber. Enquanto eles ‘iniciavam’ em forma de brincadeira seu relacionamento após a tarefa ser anunciada, Pao e Gus avaliam negativamente, o que mostra sua discordância e resistência de uma forma lúdica.

Excerto 2c: hétero de Taubaté

- 40 LUA: [\$não somos] soltei:RASS=



- 41 PAO: =>NÃO NÃO NÃO NÃO<=
- 42 GUS: =|HÉTERO [DE TAUBATÉ]
|((points to Lucas A))
43 ((Maria e Lucas A se abraçam))
- 44 MAR: [xxx]
|((aponta sorrindo para Gustavo))
- 45 PAO: [\$>hé]tero de xxx\$
46 GUS: [hétero de taubaté<]
- 47 PAO: [\$>hetero de xxx<\$]
- 48 PAO: |HÉTERO DE TAUBATÉ \$[ESSE AI ↓HEIN\$
|((aponta para Lucas A))
- 
- [hahaha[ha]
- 49 MAR:
- 50 PAO: [ha]ha[haha]
- 51 LUA: [hhh]
- 52 PAO: .hhh .hhh

Lua produz o turno “não somos soltei:ras” (linha 40). Em seu turno, ele classifica a si mesmo e a Mar como não solteiros e, para isso, aplica o termo feminino solteiras que suscita as categorias ‘mulher’ e ‘não solteira’, assim se feminizando. Gus refere-se ao fato de que Lua pediu a Mar para ser sua namorada primeiro e agora ele se autodenomina solteira ao produzir duas vezes o termo de avaliação negativa hétero de Taubaté³ (linha 42). Pao demonstra seu alinhamento e afiliação (STIVERS, 2008) com Gus, repetindo o turno dele e rindo (linhas 42-48). Assim, Gus e Pao categorizam Lua como homossexual. Lua e os outros se filiam a essa categorização por meio dos risos (linhas 49-52).

No Excerto 2, as identidades sexuais dos participantes vieram à tona como uma resposta a uma tarefa do jogo. Por exemplo, Pao e Jes se mostraram namoradas e isso não foi contestado. Além disso, Lua, como estratégia para não beber, categoriza Mar e a si mesmo na forma feminina (solteiras). Gus e Pao categorizam Lua como sendo um hétero de Taubaté. Ao fazer isso, sua seleção de palavras ressoa o entendimento de Lua sendo categorizado como um ‘homem’ e ‘homossexual’. É importante destacar que esta última categoria (hetero de Taubaté) não foi contestada pelos participantes.

3 O termo ‘Taubaté’ é popularmente usado para se referir a algo que é falso ou mentiroso. Essa gíria remonta a um caso em que uma mulher, que morava na cidade de Taubaté, no interior de São Paulo, fingia estar grávida de quadrigêmeos. Os jornalistas descobriram que era uma farsa e a história se tornou viral. Ela é conhecida como a ‘grávida de Taubaté’ e tornou-se meme. (TAUBATÉ, 2019)



Em linhas gerais, é demonstrado e discutido que as identidades dos participantes se tornaram interacionalmente relevantes e foram coconstruídas por meio de categorizações. É importante notar que a maioria dessas categorizações desafiaram a cisheteronormatividade (e.g., um homem sendo categorizado pelos outros ou ainda por si mesmo usando categorias femininas) e foram ratificadas ao longo da interação. Nesses trechos, essa fluidez entre categorias na forma gramatical masculina e feminina pode ser uma estratégia intencional que os participantes utilizaram para se posicionar e aos demais em relação às tarefas que o jogo implica.

5 Considerações finais

Ao longo deste artigo, discutiu-se que as identidades não são interacionalmente relevantes o tempo todo, mas emergem em contextos específicos. Em outras palavras, vimos que as identidades sexuais e de gênero não são estáveis e simplesmente referidas, mas são construídas no nível microinteracional. Como as identidades estão em constante desenvolvimento, elas podem ser instanciadas, exibidas, reivindicadas, desafiadas e reafirmadas à medida que as pessoas interagem em conversas cotidianas e institucionais.

A análise demonstra como um grupo de amigos, em que todos se identificam como pertencentes à comunidade LGBTQIA+, coconstrói e negocia suas identidades sexuais e de gênero enquanto se engaja em um jogo de beber. Durante essa atividade específica, os participantes demonstraram orientar as suas identidades à medida que se tornavam interacionalmente relevantes para a atividade que estavam realizando. Este artigo, portanto, oferece uma análise de micromomentos de manutenção identitária na interação.

Os participantes ativaram algumas categorias relacionadas a gênero e sexualidade ('ela', 'ele', 'bicha' e 'sonsa') para descrever a si e aos outros. Essas categorias não foram contestadas em nenhum momento; em vez disso, elas foram sustentadas e ratificadas à medida que surgiram na interação. Os participantes demonstraram compartilhar conhecimento de senso comum sobre sua sexualidade, proferindo alguns termos relacionados a esta coleção específica ('bicha burra nasce hétera' e 'hétero de Taubaté'). Esses termos, que são utilizados majoritariamente como insultos, foram reapropriados e ressignificados pelos participantes na conversa sob as lentes analíticas.

Os resultados mostram que as identidades dos participantes, em vez de serem fixadas em uma conversa anterior, foram construídas com fluidez. Por exemplo, participantes sendo categorizados com termos na forma gramatical masculina e feminina. Através dessa fluidez nas categorizações, os participantes demonstraram subverter o sistema gramatical brasileiro como estratégia para se posicionar em relação ao outro e, ao fazê-lo, desafiaram a compreensão binária



dos papéis de gênero na sociedade que impõe como se deve falar, comportar, vestir e namorar com base numa condição biológica.

As identidades dos participantes foram construídas mutuamente por meio de várias camadas (vocabulário especializado, uso de termos na forma gramatical feminina, ações corporificadas). Como as categorias são “ricas em inferências” (SACKS, 1992; SCHEGLOFF, 2007a; STOKOE, 2012), as categorias não são homogêneas, nem carregam um significado fixo. Ao contrário, seus significados são local e mutuamente construídos ao serem ancorados no conhecimento compartilhado pelos participantes em um processo não linear que ocorre na interação cotidiana.

As categorias sexuais e de gênero tornadas relevantes pelos próprios participantes nesse contexto estão ancoradas, na maioria das vezes, na subversão de categorias cisheteronormativas (‘hétero de Taubaté’). Nas sequências em que as categorias não estão necessariamente ancoradas nesta subversão, por exemplo, quando os participantes usaram gírias, tais categorias precisaram ser ancoradas no conhecimento compartilhado dos participantes para serem atualizadas e negociadas na e por meio da interação.

Os resultados ressaltam as estreitas ligações entre linguagem e gênero, bem como linguagem e construção identitária, contribuindo para o crescente corpo de estudos de identidade, especialmente identidades de gênero, a partir de uma perspectiva interacional no cenário brasileiro. Com base nessa análise, ressalta-se a potencialidade da AC para os estudos de gênero e sexualidade a partir de uma visão não heteronormativa e, por consequência, corrobora-se a compreensão de que o que entendemos por identidade é, na verdade, o efeito de ações específicas realizadas entre participantes específicos em um tempo e espaço específicos.

REFERÊNCIAS

ABORBA, R.; OSTERMANN, A. C. Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical. *Revista Estudos feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 409-432, 2008.

BORBA, R. Discurso e (trans)identidades: interação, intersubjetividade e acesso à prevenção de DST/AIDS entre travestis. *Revista brasileira de linguística aplicada*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 441-473, 2009.

BORBA, R. Linguística Queer: uma perspectiva pós-identitária. *Revista Entrelinhas*, Vale do Rio Sinos, v. 9, n. 1, p. 91-107, 2015.

BORBA, R. Receita para se tornar um “transexual verdadeiro”: discurso, interação e (des)identificação no Processo Transexualizador. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 55, n. 1, p. 33-75, 2016.



BUCHOLTZ, M; HALL, K. Theorizing identity in language and sexuality research. *Language in Society*, Ann Arbor, v. 33, n. 4, p. 469-515, 2004.

BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach. *Discourse Studies*, Thousand Oaks, v. 7, n. 4, p. 585-614, 2005.

GARFINKEL, H. *Studies in Ethnomethodology*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1967.

JEFFERSON, G. Glossary of transcript symbols with an introduction. In: LERNER, G. H. (ed.). *Conversation analysis: studies from the first generation*. Amsterdam: John Benjamins, 2004. p. 13-31.

JENKINS, L.; HEPBURN, A. Children's sensations as interactional phenomena: a conversation analysis of children's expressions of pain and discomfort. *Qualitative Research in Psychology*, Abingdon, v. 12, n. 4, p. 472-491, 2015.

KITZINGER, C; MANDELBAUM, J. Word selection and social identities in talk-in-interaction. *Communication Monographs*, Abingdon, v. 80, n. 2, p. 176-198, 2013.

KITZINGER, C. "Speaking as a heterosexual": (how) does sexuality matter for talk-in-interaction? *Research on Language and Social Interaction*, Abingdon, v. 38, n. 3, p. 221-265, 2005.

LAND, V.; KITZINGER, C. Speaking as a lesbian: correcting the heterosexist presumption. *Research on Language and Social Interaction*, Abingdon, v. 38, n. 4, p. 371-416, 2005.

MAYNARD, D. W. Everyone and no one to turn to: intellectual roots and contexts for conversation analysis. In: SIDNELL, J.; STIVERS, T. (eds.). *The handbook of Conversation Analysis*. New York: Blackwell-Wiley, 2013. p. 11-31.

OSTERMANN, A. C. 'No mam. You are heterosexual': Whose language? Whose sexuality? *Journal of Sociolinguistics*, [S. l.], v. 21, p. 348-370, 2017.

PSATHAS, G. *Conversation analysis: the study of Talk-in-Interaction*. Thousand Oaks: Sage, 1995.

RAYMOND, C. W. On the relevance and accountability of dialect: conversation analysis and dialect contact. *Journal of Sociolinguistics*, Hoboken, v. 22, n. 2, p. 161-189, 2018.

REDAÇÃO Lado A. Pastora ex-lésbica diz que foi ao inferno 15 vezes e viu vale dos homossexuais. *Lado A*, Curitiba, 10 out. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3aQBbFr>. Acesso em: 14 maio 2018.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation. *Language, Studies in the Organization of Conversational Interaction*, Ulitsa, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

SACKS, H. *Lectures on conversation*. Malden: Blackwell Publishing,



1992. v. 1 e v. 2.

SCHEGLOFF, E. A. A tutorial on membership categorization. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 39, n. 3, p. 462-482, 2007.

SELL, M.; OSTERMANN, A. C. Análise de Categorias de Pertença (ACP) em estudos de linguagem e gênero: a (des)construção discursiva do homogêneo masculino. *Alfa*, Assis, v. 53, n. 1, p. 11-34, 2009.

SELL, M. *Identidades de gênero emergentes na fala-em-interação na negociação da esterilização*. 2007. Monografia (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Brasil, 2007.

SIDNELL, J. W. Basic Conversation Analytic Methods. In: SIDNELL, J.; STIVERS, T. (eds.). *The handbook of Conversation Analysis*. New York: Blackwell-Wiley, 2013. p. 77-100.

STIVERS, T. Stance, alignment, and affiliation during storytelling: when nodding is a token of affiliation. *Research on Language and Social Interaction*, Abingdon, v. 41, n. 1, p. 31-57, 2008.

STIVERS, T.; SIDNELL, J. Introduction. In: SIDNELL, J.; STIVERS, T. (orgs.). *The handbook of conversation analysis*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 1-8.

STOKOE, E. Moving forward with membership categorization analysis: Methods for systematic analysis. *Discourse Studies*, Thousand Oaks, v. 14, n. 3, p. 277-303, 2012.

TAUBATÉ. In: *Dicionário Informal*. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3RTfMfm>. Acesso em: 28 nov. 2019.

WEATHERALL, A. Gender and Language in Ethnomethodology and Conversation Analysis. In: WEATHERALL, A. *Gender, Language and Discourse*. Hove: Routledge, 2002. p. 97-120.

WENGER, E. *Communities of practice: learning, meaning and identity*. New York: Cambridge University Press, 1998.



APÊNDICE I – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

As convenções de transcrição foram adaptadas do sistema de Jefferson (2004) e são as seguintes:

(1.0)	Interrupção da fala
(.)	Interrupção curta da fala
=	Fala colada
[fala]	Fala sobreposta
((comentário))	Ações corporificadas sobrepostas à fala
,	Entonação contínua de turno
↑fala	Entonação ascendente de sílaba
↓	Entonação descendente de sílaba
.	Entonação descendente de turno
?	Entonação ascendente de turno
-	Cessão abrupta da fala
:::	Som prolongado
>fala<	Fala acelerada
<fala>	Fala desacelerada
FALA	Volume alto de fala
°fala°	Volume baixo de fala
°°fala°°	Extremamente baixo de fala
fala	Ênfase
(fala)	Trechos de transcrição incerta
xxxx	Trechos inaudíveis
((comentário))	Comentários do transcritor
hhhh	Riso aspirado
hahahehehihi	Riso com som de vogal
\$fala\$	Turnos em meio a risos
.hhh	Inspiração

